

**ENTRE O TERREIRO, A INFÂNCIA E AS VIVÊNCIAS – O  
CONHECIMENTO:  
A POESIA ECUMÊNICA DE MANOEL DE BARROS**

Rodrigo Peixoto Barbara (UFG)

Valéria Maria Chaves de Figueiredo (UFG)

92

**RESUMO**

O presente artigo aponta para o objetivo de tecer uma breve escritura acerca da vida de Manoel de Barros e refletir sobre três possíveis pistas das várias seguidas pelo poeta na invenção de seu jardim poético, ecumênico: a observação, a desconstrução e a metamorfose. O ecumenismo poético de Manoel de Barros reuniu em suas obras incitações diversas, passando pelos terreiros da infância, escolas onde estudou, autores que leu, artistas/pensadores com quem se envolveu, dentre outras, buscando com isso, uma *didática da invenção* que agregava o popular, o tradicional e o moderno. Uma poesia confeccionada pelas inter-relações concebidas pelo poeta. No mais, tal tessitura advém de um contato dado pelas leituras das obras e vivências corporais suscitadas por esse universo *manoelês*, que libertou do cárcere racional a imaginação, e dos grilhões da coesão e da coerência, as palavras.

**Palavras-chave:** Manoel de Barros; biografia; poesia; imaginário; ecumenismo poético.

**ABSTRACT**

This paper points to the objective of weaving brief words about Manoel de Barros's life, and to think over three possible tracks, of the many, he followed, as he invented his poetical, ecumenical garden: the sighting, the deconstruction and the metamorphosis. The poethical ecumenism of Manoel de Barros has gathered on his works several incitations, going through childhood grounds, schools where he studied, authors he read, artists he had involved with, etc, wanting an *invention didacticism*, that aggregated popular, traditional and modern. A poetry made by his conceived inter-relations. Therefore, this paper came from the prior contact with works and body experiences raised by this *manoelês* universe, that freed from rational incarceration the imagination, and from cohesion and coherence fetters, the words.

**Keywords:** Manoel de Barros; biography; poetry; poetic ecunism.

**I – Vida: fertilizando poesias<sup>1</sup>**

Começamos a tessitura deste texto convidando-vos a um passeio poético por essa escrita que pretende mais ser um compasso de dança, do que um artigo acadêmico propriamente dito, pois, o contexto desse estudo anseia pela incorporação e não pela compreensão. Solicita a leveza da árvore e não a fixidez da parede. Tal tessitura surge incitada por um universo humilde que se faz morada para os elementos mundanos, imundos, sem valor e deplorável. Degustar desse espaço onde o mágico se faz e se desfaz nas singularidades das *coisas inúteis*<sup>2</sup> nos apronta para uma trajetória onde a escrita é torta, de dor, de corpo, de cicatriz. Um passeio

poético que marca a alma. Aprontemo-nos então, para conhecermos também, dentro desse universo, um ser humano que agregou o seu eu poético a outros tipos de vida. Inter-relacionou-se com o mundo. Não o bastante, mergulhado em um contexto caótico/capitalista como o nosso, onde tudo tem tempo de validade, este ser poético e sensível se completou na presença do miserável, do grotesco, do ridículo e do cumulado de insignificância.

‘Quem’ é esse que com tamanha humildade elevou o indigente? Que tirou da rotulação os significados e com os *deslimites* da palavra propôs uma nova forma de ver e interpretar o mundo? ‘Quem’ é esse que almejou o inferior enquanto que as outras pessoas lutam para possuir sempre mais?

Motivado por seres pequeninos que respiram ou não, esse ‘quem’ caminhou por lugares transitáveis apenas para aquele cujo coração serve como guia e o sentimento como alimento. Nutriu-se de uma substância que fortaleceu sua alma permitindo assim, que a sensibilidade vazasse, por intermédio de suas obras, pelos poros de outros humanos recriando uma nova criatura, não melhor, mas diferente. Um ‘quem’ que nos permite<sup>3</sup> reinventar um ser diferente da nossa condição humana e semelhante com as coisas que somos quando nos permitimos caminhar pelos sonhos e pelo contato com o nosso ser transmutado na nossa essência não só animal, mas também vegetal e mineral. Somos seres completos quando enxergamos que pedaços de nós, de nossa carne e espírito podem ser substâncias e outros elementos.

Poeta da simplicidade, com sua rotina entre as mazelas proporcionadas pelo habitar no campo, fez com que o seu encanto poético revolucionasse a vida das pessoas que têm em seus escritos suporte para uma colheita de imagens geradoras de encantos e vias para grandes rupturas, diria, conquistas. Proporcionou, no seu ato de brincar com o *inútil*, uma seriedade de metrópole, diferente pelos prédios construídos com palitinhos, avenidas com folhas de bananeira e uma vida corrida pela pressa da alegria, da fascinação e da descoberta.

Palavras tecem pouco a pouco a dissertação sobre a vida de um poeta que marcou e ainda marca a literatura brasileira. Pelo simples fato de escrever poesias proporcionou uma reviravolta nos conceitos já existentes e superou a gramática, não de qualquer jeito, mas, por conhecê-la demais, ele preferiu ir além. E foi.

Vimos conhecendo por vielas poéticas, a vida de um senhor muito simples e tímido, que se desfazia em desmaios e vômitos quando pediam para que ele se pronunciasse em público e/ou de frente a uma câmera. Um senhor que ensinou a enxergar torto esse mundo reto demais, e, embaraçado, quase que como um vulto, aquilo que o poder da ganância nomeou como valor. Um senhor que se desmanchava nas frases que escrevia; que sentia nas palavras um conforto para seus sons tranquilos e que disse ser verdade somente o que está

redigido em suas poesias. Um sacerdócio apaixonante pela palavra. Tendo essas características como integrantes de sua personalidade, peçamos que ele mesmo se apresente:

### **Auto-Retrato Falado**

Venho de um Cuiabá de garimpos  
e de ruelas entortadas.  
Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha,  
onde nasci.  
Me criei no Pantanal de Corumbá  
entre bichos do chão, aves, pessoas humildes,  
árvores e rios.  
Aprecio viver em lugares decadentes  
por gosto de estar entre pedras e lagartos.  
Já publiquei 10 livros de poesia:  
ao publicá-los me sinto meio desonrado  
e fujo para o Pantanal  
onde sou abençoado a garças.  
Me procurei a vida inteira e não me achei  
— pelo que fui salvo.  
Não estou na sarjeta  
porque herdei uma fazenda de gado.  
Os bois me recriam.  
Agora eu sou tão ocaso!  
Estou na categoria de sofrer do moral  
porque só faço coisas inúteis.  
No meu morrer tem uma dor de árvore (BARROS, 2010, p. 324).

Desvendado o mistério pelo próprio Manoel de Barros, façamos, “apesar do poeta não amar colocar data na sua existência” (CEZAR, 2008) e sem pretensão de encerrá-lo nesse texto, um breve caminho por sua trajetória de vida.

Manoel Wenceslau Leite de Barros, apelidado pela família como Nequinho, filho do capataz João Wenceslau Leite de Barros e da dona de casa Alice Pompeu de Barros, nasceu em 19 de dezembro de 1916, em Cuiabá (MT) e faleceu no dia 13 de novembro de 2014, em Campo Grande (MS). Manoel de Barros foi uma criança peralta, brincava entre os bichos da terra e com os últimos galhos de árvores, nada passava por despercebido aos seus olhos. Fazia da fazenda do pai, o seu mundo de incitação. Durante parte da sua infância viveu em Corumbá, Mato Grosso do Sul, no Pantanal Mato-Grossense e essa localidade marcou para sempre a sua vida e foi, certamente, todo esse contexto, o que acolheu e proporcionou os primeiros aprendizados desse poeta: “o lugar de origem é algo de muito importante na vida de uma pessoa. Somos todos, de certa forma, determinados, alimentados e norteados por esse lugar” (DOWBOR, 2008, p. 30).

Com oito anos de idade saiu da fazenda para cursar o primário em internatos: colégio Pestalozzi e colégio Lafayette em Campo Grande. Depois mudou-se para o Rio de Janeiro e continuou os estudos no colégio São José, dos padres maristas. Nunca foi estudioso, mas viveu muito e colheu ricas experiências. Aos treze anos de idade, com a ajuda do destino, conheceu seu preceptor, o professor Padre Ezequiel e este o fez gostar de estudar ao apresentar os escritos do padre Antônio Vieira. Manoel de Barros ficou perplexo com a maneira pela qual padre Vieira apresentara seus sermões e a partir desse contato aprendeu o valor da construção da poesia.

Apesar de sua revelação poética aos treze anos de idade, teve seu primeiro livro concluído cinco anos mais tarde. Tal livro de sonetos, intitulado como, 'Nossa Senhora de Minha Escuridão', não chegou a ser publicado, mas o livrou da prisão. Devido a uma participação de cinco anos na política pelo partido comunista, Manoel de Barros e alguns amigos foram incumbidos de pichar na estátua de Pedro Álvares Cabral a frase: 'Viva o comunismo'. Seus amigos foram, mas ele não. No mesmo dia, depois de prenderem os que tinham se arriscado a tal ato, alguns policiais foram à pensão onde Manoel de Barros morava e queriam o levar preso. Mas graças ao discurso da dona da pensão, uma húngara, isso não aconteceu. Ela disse ser impossível que um jovem, recém-chegado de um colégio de padres, autor de um livro, poderia ser um comunista. Os policiais, duvidando da húngara, pediram para ver o livro. Depois de ler, concederam a liberdade ao jovem poeta e foram embora levando o único livro que o mesmo tinha escrito. Nenhum poema foi recuperado.

Depois das grandes decepções neste período, decidiu expandir seus horizontes. Fez viagens, conheceu personalidades e mesmo se achando primitivo demais, resolveu que deveria conhecer a vida intelectual, por isso, foi morar em Nova York. Fez curso de pintura e cinema no Museu de Arte Moderna. Neste período teve o prazer de conhecer obras de Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh e dos cineastas Federico Fellini, Luis Buñuel, Charles Chaplin e outros. Manoel de Barros teve um choque cultural ao se aproximar de grandes nomes da arte. Foi um tempo muito produtivo e contribuiu para sua formação pessoal e para a continuação da sua arte poética, ou, nas palavras do professor espanhol Jorge Larrosa (2002), tempos em que Manoel de Barros se dedicou a uma educação pela 'experiência', ou seja, "aquela que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma" (p. 26, grifo do autor).

Voltando ao Brasil conheceu Stella, que viria a ser sua futura esposa. Juntos tiveram três filhos: Pedro, João e Martha<sup>4</sup>. Manoel de Barros formou-se em Direito no Rio de Janeiro, mas pouco atuou na área. Advogado, fazendeiro e poeta, ele se dividia entre profissões: uma

pela formação acadêmica, uma pela necessidade e anseio em dar continuidade ao patrimônio da família e a outra pela paixão em ser inútil. A poesia é sua paixão, o seu eu verdadeiro, “o lugar em que as pessoas podem ser inúteis” (BARROS, *apud* CEZAR, 2008)<sup>5</sup>.

O primeiro livro publicado do poeta, ‘*Poemas concebidos sem pecado*’, teve a primeira edição rodada à prensa manual com poucas cópias. Deste, o poeta criou seus outros poemas, seus outros livros. “Acho que esse meu primeiro livro é o meu melhor livro. Tudo o que escrevi depois vem dele” (BARROS, *apud* CASTELLO, 2010).

Manoel de Barros teve uma vida marcada por experiências, conquistas e premiações. Renomado pela crítica, por se fazer proponente de uma poesia encharcada de invenções a qual reconhece como pura e singela verdade, o poeta, cronologicamente se enquadra na geração de 45<sup>6</sup>. Enquadramento contra a sua própria vontade, pois ele mesmo disse não se vincular a nenhuma geração. Leitor incansável de personalidades distintas, como Guimarães Rosa, Rimbaud, Baudelaire, padre Vieira, Gil Vicente, Camões e outros, o poeta trilhou um caminho próprio e encontrou beleza naquilo e naqueles tidos como fúteis. Amarrá-lo a uma determinada época e enquadrá-lo a um estilo característico de algum movimento literário seria um crime com seu tão antigo e atual primor poético.

Longe de qualquer armadura e no meio fervilhado de letras espalhadas pelos arredores da sua infância, Manoel de Barros foi construindo sua própria gramática, ou melhor, sua *agramática*, seu *idioleto manoielês*, o qual ele diz ser a *língua dos bocós e dos idiotas*. Diante disso, podemos dizer que a ‘infância’ foi para o poeta o oxigênio para a fotossíntese de suas poesias, ou seja, infância que pode ser percebida como aquela que “nunca é o que sabemos, mas, por outro lado, é portadora de uma verdade à qual devemos nos colocar à disposição de escutar”, e mais, “nunca é aquilo apreendido pelo nosso poder, mas ao mesmo tempo requer nossa iniciativa; nunca está no lugar que a ela reservamos, mas devemos abrir um lugar para recebê-la” (LARROSA, 2013, p. 186). Contudo, na infância, passar por um nascimento de árvore entre árvores fez de Nequinho um menino de seiva, de clorofila, que vivia pelo lado de dentro das coisas e sendo-as. Neste encanto de lugar ele podia ouvir o *murmúrio* dos mistérios e o brilho do secreto. Por sua humildade, transpôs suas mais inusitadas viagens em poesias. Mérito de Manoel de Barros e prêmio nosso.

Devido às limitações impostas pela vida no campo, o poeta não teve, durante a infância, vizinhos para conversar. A tecnologia em processo de evolução não forneceu televisão à sua casa, por isso, a comunicação se dava pela conversa com o avô, com os patos, com as galinhas, com as árvores e as distrações ficavam por conta dos caracóis, lesmas, formigas e

pelos mistérios proporcionados pelas *inutilidades* abandonadas ou brotadas no chão. Para esse episódio Manoel de Barros vem poetizar:

### **Manoel por Manoel**

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho.  
Por motivo do ermo não fui um menino peralta.  
Agora tenho saudade do que não fui.  
Acho que o que faço agora  
é o que não pude fazer na infância.  
Faço outro tipo de peraltagem.  
Quando era criança  
eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba.  
Mas não havia vizinho.  
Em vez de peraltagem eu fazia solidão.  
Brincava de fingir que pedra era lagarto.  
Que lata era navio.  
Que sabugo era um serzinho mal resolvido  
e igual a um filhote de gafanhoto.  
Cresci brincando no chão, entre formigas.  
De uma infância livre e sem comparamentos.  
Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.  
Porque se a gente fala a partir de ser criança,  
a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha,  
de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore.  
Então eu trago das minhas raízes crianceiras  
a visão comungante e oblíqua das coisas.  
Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina.  
É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor.  
Eu tenho que essa visão oblíqua vem  
de eu ter sido criança em algum lugar perdido  
onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela.  
Era o menino e os bichinhos.  
Era o menino e o sol.  
O menino e o rio.  
Era o menino e as árvores (2003, s/p).

Como pudemos notar na poesia acima, o eu infante<sup>7</sup> e inventor de Manoel de Barros, na lida com a sua poética, propõe uma fascinante abertura do imaginário do leitor que se entrega a um mergulho profundo em seus rabiscos letrais e frasais e do seu mexido de belezas colhidas com odor de pássaros. O poeta não teve a pretensão de dar novos nomes e novos significados, muito pelo contrário, para ele, os nomes e os significados empobrecem a imagem. A invenção aumenta o mundo, conduz o ser a um lugar jamais visto e desperta-o para um florescer de novas possibilidades. Não fecha, não localiza e sim expõe, expande e encanta.

Movido pela vontade de se doar inteiramente à sua paixão pela fertilização das palavras da qual surgem as suas obras, deixou a fazenda herdada do pai aos cuidados do filho caçula

e, a partir deste instante, se propôs a ficar à toa, ou melhor, foi ficar à disposição da poesia. Assim, “comprou o ócio e se tornou um *vagabundo profissional*” (CEZAR, 2008).

A figura do vagabundo para Manoel de Barros é constantemente registrada em suas poesias, ele o considerava como um *desheroí*. Essa presença marcante surgiu com o vagabundo de Charlie Chaplin. Para o poeta, Chaplin foi quem criou primeiramente a figura do *desheroí*, este que pode ser visto atualmente na pessoa dos *andarilhos*, marginalizados e tantos outros que lidam com o desprezo/preconceito da sociedade. Sendo assim, Manoel de Barros pode ser consagrado pelas vozes de quem o admira como *odesheroí* da poesia.

O poeta, frente a sua posição como vagabundo profissional e seu apego pelas inutilidades, nos propôs uma reflexão acerca da sua colheita entre sapos e lagartos da essência da vida não condicionada ao consumismo. Com isso, berrou pela natureza mostrando que “tudo tem sua importância, apesar de os sistemas sociais insistirem e nos viciarem em classificações e valorizações diversas” (PASCALI, 1997, p. 1, grifos da autora). Nadando contra a corrente do capitalismo, uma das maiores riquezas de Manoel de Barros foi a natureza<sup>8</sup>, mais específico, o pantanal. A mistura da sua vida com a vida dos vários seres existentes nesse local fez do poeta o responsável por transfigurar esse habitat em vez de simplesmente descrevê-lo. Esse território teve forte influência na carga emotiva, sensível e poética de Manoel de Barros, por isso, ele proporcionou aos leitores uma visão distendida do que é o Pantanal. Foi além das imagens visíveis. Mostrou a profundidade do brejo, o interior das rãs, a ferocidade dos grilos e a voz do mato. Com a ponta do seu lápis, como o próprio poeta diz, *ele fez nascimentos*, sendo assim, ele fez nascer a cada dia, um novo pantanal. Ele o transcreveu, o libertou da descrição.

Sua poesia não nasceu do existir, daquilo que é tangível e sim do que ele inventou. Para Manoel de Barros, *tudo o que ele não inventou foi falso*. Essas *invencionices* levadas ao ponto da letra, ou melhor, na ponta do seu lápis, participaram de uma comunhão com o nascer da poesia dentro de um lugarzinho que o poeta apelidou como o *lugar de ser inútil*. Nesse lugar, as frases foram fecundadas no íntimo do seu eu poético e a sua transposição para o papel foi trabalhosa, demorada e, como em um parto, doía e sangrava (BARROS, *apud* PIZZINI, 2006).

Suas poesias, tão fácil de sentir e difícil demais para a razão compreender, quase impossível diríamos, permitem ao cérebro um sono profundo, capaz de liberar a imaginação para fazer uma viagem onde ele (o cérebro), com toda a sua potência de cálculos e soluções rápidas, não consegue chegar. Elas extrapolam as forças da razão, enfurecendo-a e encabulando-a, por isso, ela precisa ser desligada. Só assim existirá a possibilidade de escutarmos a cor dos pássaros e o cheiro do azul do céu.



A poesia trabalha na casa da fantasia, dos sonhos, da magia, dos mistérios, da beleza escondida nos segredos. Ela povoa uma área além de nós e nos convida a uma visita em seu reino fabuloso. O poeta e diplomata mexicano, Octavio Paz, vem nos apresentar um pouco mais o cenário da poesia, na qual, a mesma

é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. [...] Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. (1982, p. 15, 16).

Manoel de Barros se sustentou em muitas das palavras colocadas por Octavio Paz, nessa citação. Sustentou-se para ir além, a fundo, em um campo onde os horizontes não são perceptíveis a olho nu e nem a olho tecnológico (digo: telescópio, luneta e outros), mas pela percepção singular de cada ser vivente.

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):  
A expressão reta não sonha.  
Não use o traço acostumado.  
A força de um artista vem das suas derrotas.  
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.  
Arte não tem pensa:  
O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê o mundo.  
Isto seja:  
Deus deu a forma. Os artistas desformam.  
É preciso desformar o mundo [...]. (BARROS, 2001, p. 75).

Sendo poetadesformador do mundo, das miudezas, dos olhares retorcidos, dos seres desformados, transfigurados e desprezados, ele não teve a pretensão de escrever sobre si mesmo, mas sobre os seus eus perdidos entre vários ambientes, seres e objetos. Buscou com isso uma forma de se completar nas palavras, tornando-se um garimpeiro de inutilidades no lixo (o depósito da poesia), pois como o próprio poeta disse “[...] O que é bom pro lixo é bom para a poesia [...] As coisas sem importância são bens de poesia” (BARROS, 2007, p. 14, 15).

Tanto o lixo e tudo o que nele encontramos, tanto os *loucos de água e estandarte* como todos os desprezados pela sociedade ganhavam valores quando Manoel de Barros os impregnava de metáforas<sup>9</sup>. As metáforas vieram para contribuir com as brincadeiras propostas



pelo poeta. Com seu jeito de propor lugares e ações, ele caminhou metaforicamente por uma estrada nada convencional. Ele foi um rabiscar contínuo em uma folha em branco, ou melhor, um ponto quase invisível no canto da mesma. Ponto que perfurou desenhando na alma uma história que não tinha a intenção de dizer nada, mas de encantar pela singeleza de completar e se relacionar com tudo. E para que esse fato marcante continue ocorrendo, devemos usufruir dos seus escritos com os poros do corpo, os ouvidos da respiração e com a doação do espírito.

- Difícil de entender, me dizem, é sua poesia, o senhor concorda?
- Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo  
Poesia não é para compreender mas para incorporar  
Entender é parede: procure ser uma árvore (BARROS, 1982, p. 29).

Manoel de Barros foi um poeta que escreveu com o corpo, que promoveu vielas de entendimentos através da sensibilidade corporal e espiritual. Permitiu ao ser humano, leitor de suas poesias, uma experiência lúdica: ser árvore e, tal experiência, demanda que este se exponha, pois “é incapaz de experiência aquele que se poe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”” (LARROSA, 2002, p. 25, grifo do autor). É por nos expormos, como nos pontua Larrosa, que conseguiremos a experiência de sermos árvores, ou seja, uma brincadeira na qual

temos que nos sensibilizar, amenizando nosso ser personalizado (nome, desejos, formação, família, etc.), a ponto de nos tornarmos árvore, e transferir para este corpo nosso de ser humano as experiências do corpo árvore, com galhos, folhas, frutos/flores, balanço e sensação de vento/chuva/frio/sol/calor sobre a casca grossa/rachada/descascada, arrancada, com o tronco afincado na terra pelas raízes úmidas e habitadas por insetos, gerando veios de seiva que se estendem até o mais alto, extremo, distante e capilar ramo; transformando luz em clorofila e gerando brotos/frutos num tempo lento, natural não estático; de altura descomunal, observando os campos, recebendo ninhos, saltos passageiros, abrigando outras plantas... Tornar cada poro de nosso corpo sensível como cada poro/molécula daquela árvore. (PASCALI, 2009).

A interação entre palavras, sons, sabores e imagens, obtida em vivências foi subsídio para as suas poesias e fez com que Manoel de Barros fosse um poeta cujas obras tivessem sabedoria primordial e que desvendasse, além da possibilidade de ser árvore, uma leitura que ultrapassasse os limites da razão e apoiasse a expansão da sensibilidade do corpo. E é no interior desse terreno vivencial preparado pelo poeta, onde o mesmo fecundou, agudou, podou e colheu suas poesias, que ousamos salientar três das várias pistas/processos que o mesmo seguiu para inventar seu jardim poético, ecumênico<sup>10</sup>. Essas pistas/processos são evidenciadas, em nosso ponto de vista, nos versos redigidos de cada poesia, e são elas: **observação**,

**desconstrução e metamorfose.** Tal percepção advém, além das leituras, de vivências corporais que realizamos com a obra e a poética de Manoel de Barros.

## **II – Observação, desconstrução e metamorfose: pistas para uma poesia ecumênica**

Nas pistas para uma poesia ecumênica, a **observação** para Manoel de Barros desprendia dos lugares mais inusitados, outro universo, este existente debaixo de pedras, dentro de latas abandonadas, abrigado pelas folhas secas em um pomar e/ou jardim e em lugares múltiplos. Essa descoberta se deu pelo olhar aguçado do poeta às coisas que não damos atenção, ou que nos passam por despercebidos, afinal, segundo a educadora brasileira Fátima Freire Dowbor (2008), “só vemos o que é possível ver; o interessante é poder ver o que não dá para ser visto” (p. 26). Sendo assim, o poeta, com seu instinto observador, passeou com sua visão externa e interna, com os olhos do coração e da alma, por cada cantinho de um terreno baldio, terreiros de casas, tocos de árvores, barrancos de córregos, pelas tradições populares, tropeços na fala<sup>11</sup> e na população da sociedade.

Uma poesia com tamanha profusão de imagens como é a de Manoel de Barros só poderia se realizar com relevância por um proponente que passou horas de seu dia e dias de sua vida a observar o mundo à sua volta. O poeta, em suas viagens, em seus estudos, em suas conversas, colheu materiais diversos que vieram a compor suas obras. Podemos ver sua ação de observador em falas dele próprio:

- Aos 28 anos, andei por lugares e vivências primitivas. Convivi com os índios da Bolívia, do Equador, do Peru. Eu tinha fascinação pelas vozes das nossas origens. Depois fui para New York. Minha cabeça de caipira deu um giro. Aprendi a ver outras criações. A ver as invenções dos homens, dos gênios. Fiz um curso de cinema e outro de pintura. Eu queria aprender a ver através da sabedoria da natureza para a sabedoria dos homens.
- Uso apontar percepções e ideias em pequenos cadernos. Para não esquecer. Depois de algum tempo volto àqueles cadernos e neles descubro material para um livro. Levo de três a cinco anos para aprontar um livro de 30 poemas, no máximo (BARROS, *apud* BRITO, 2016).

Manoel de Barros se dedicando a uma observação minuciosa de todas as incitações que o rondavam, preencheu com detalhes sua imaginação poética e colocou no papel palavras com sons, cheiros e gostos. Estas palavras conduzem o leitor, como num mantra, a um estado de espírito capaz de enxergar imagens inusitadas, simples e repletas de personagens lúdicos e brincadeiras infantis.

Percorro todas as tardes um quarteirão de paredes

nuas.  
Vejo muitos rascunhos de pernas de grilos pregados  
nas pedras.  
As pedras, entretanto, são mais favoráveis a pernas  
de moscas do que de grilos.  
Pequenos caracóis deixaram suas casas pregadas  
nessas pedras  
E as suas lesmas saíram por aí à procura de outras  
paredes.  
Asas misgalhadinhas de borboletas tingem de azul  
estas pedras.  
Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.  
Caminho todas as tardes por estes quarteirões  
desertos, é certo.  
Mas nunca tenho certeza  
Se estou percorrendo o quarteirão deserto  
Ou algum deserto em mim (BARROS, 2009, p. 39).

Após uma dedicada observação, podemos pensar que Manoel de Barros, assim como na poesia acima, expõe uma espécie de reinvenção da infância e do lúdico, que também tem a ver com um re-visitarlugares como se fosse a primeira visita. Em ressonância, o italiano Giorgio Agamben, em seu livro *Infância e história* (2005) traça uma teia sobre a infância e sua relação com a experiência, a linguagem e a história. Agamben (2005) mostra sugestivamente que a infância é a ausência da linguagem e são as crianças e não adultos que aprendem a falar. Isto significa que uma das mais importantes e substantivas características humanas, a aprendizagem da linguagem, está ligada a uma disposição infantil. Se abandonamos a infância, abandonamos também a possibilidade de entrar na linguagem e, no presente contexto, abandonamos a possibilidade de nos expormos a ponto de experienciarmos as poesias do poeta em questão.

Também Walter Benjamin (1994) precursor dos estudos sobre a infância aponta a criança como ator social e produtora de cultura, não sendo o adulto em miniatura, e sim sujeito detentor de uma razão própria. Em Benjamin, como em Manoel de Barros, a criança é o indivíduo capaz de descobrir e criar o ‘novo’ em oposição ao ‘sempre-igual’; o novo como a constante e estupenda (re)descoberta da própria noção de ser. O brincar no canteiro de obras ou no quintal pode ser uma recusa ao entorpecimento da mesmice.

Após esse breve panorama acerca da observação, detenhamo-nos na **desconstrução** poética manoelina que permite um avançar, um ir além, um mexer com as estruturas enrijecidas e proporciona um rearranjo de ordens, princípios, modos, fórmulas, formas e também uma distensão de possibilidades. Assim como a observação, a desconstrução se faz muito importante para a poesia de Manoel de Barros. Com ela, o poeta transgrediu todos os

obstáculos que existiam. “A construção de Barros se origina das ruínas. Levanta-se após destruir imagens convencionais” (CARPI NEJAR, 2001, p. 23).

Com a desconstrução, o poeta promoveu uma bagunça sadia nos seus escritos e estes, por sua vez, na cabeça de seus leitores. Uma bagunça capaz de mexer com os nossos mecanismos imaginativos e reflexivos e aumentar a nossa capacidade em visualizar o que se encontra escondido de nossas retinas, fornecendo-nos múltiplas informações que contribuem com a nossa formação sensível/humana.

A poesia do “des” em Manoel de Barros é a poesia que busca o originário, que subverte radicalmente a linguagem para apresentar o “real”, pois é construída a partir da negação. Desconstruir “as coisas” do seu significado mais habitual, desconstruir para construir, fazer “delirar”, como afirma o próprio poeta, o verbo, descoisificar a realidade. E quando ele descoisifica o real ele constrói uma gama de significados inexistentes. (AZEVEDO, 2010, p. 3, grifos da autora).

Manoel de Barros resgatou, salvando do extermínio, as palavras. Propôs um encontro das mesmas com as suas origens, lá, onde elas transitavam livremente pelos murmúrios e pelos *cantos dos primórdios*. Palavras que são pronunciadas por bocas de crianças e *bebuns* sem se amarrarem a nenhuma formalidade e formatação. Palavras que eram e são proferidas com inocência e gratidão. Usando a desconstrução, o poeta (des)construiu por completo o entendimento de poesia.

No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio (BARROS, 2010, p. 301, grifo do autor).

No compasso dessa tessitura, chegamos à terceira pista/processo de Manoel de Barros na invenção do seu jardim poético/ecumênico, **ametamorfose**. O poeta possibilitou com esse movimento a união imaginativa do corpo humano em existências outras e, em existências outras, o corpo humano. Pela brincadeira séria de se ver, de se ser e de ser o outro, o poeta permitiu a integração plena, corpo e espírito, através do ato de metamorfosear.

Ser o outro poeticamente em Manoel de Barros, através da metamorfose, assemelha-se ao princípio fraternal da saudação maia, *In lake'ch*, que significa, ‘eu sou um outro você’. Princípio este proporcionado pela cordial aceitação de um ser por outro. De uma vida refletida e habitada em outra. *In lake'ch* “é a mensagem de comunhão universal. Por isso, quando um

maia encontra o outro, ele diz: “eu sou um outro você” (BEUTENMÜLLER; LOCONTE, 2006, grifo dos autores). Integrando a essência dessa saudação maia, dessa acolhida, à leitura de uma poesia Barrense, fica à mercê do leitor a possibilidade de ser o que ele quiser, de ser e de se sentir por alguns instantes uma pedra, um caramujo, uma árvore e outros. Fica a possibilidade de passar por uma mutação poética, por um casulo transformador ou desconstrutor, por uma mobilidade em envergar no material-massa de outrem e lá habitar.

O poetacusteu a experiência que nos permite largar o corpo que aprisiona e se aprisionar na liberdade de se sentir algo diferente do que somos. A metamorfose proposta eleva o ser humano a um patamar de respeito e responsabilidade com a estrutura/formação de outros elementos e de outros seres. Um respeito e uma responsabilidade mútua, onde ambos se encontram, se fundem e se completam. Manoel de Barros nos pedra, nos rã, nos árvore, seremos outros e os outros nós. Seres modeláveis. Ao sentirmos evocados por um corpo diferente do nosso, a nossa estrutura interior desintegra e oferece como preenchimento do corpo e para a incorporação. Sendo eu o outro, através do meu corpo eu sinto, vejo e apreendo o mundo pela visão inversa e/ou reflexa. Dessa entrega, surge uma irmanação terrena a ponto de nos conglomerar em um lugar à parte, onde a energia transfigurante ultrapassa qualquer limitação corporal.

Com o corpo liberto das amarras preconceituosas e com o poder da imaginação, outros lugares e tempos surgem. Manoel de Barros se encontrou nas coisas. Uma entrega total e polilógica. Ele atingiu o ‘estado de árvore’, estado este “em que o homem se despoja de um aprendizado ou de uma essência que o separa do mundo” (GOMES, 2008, p. 3). Sendo assim, o primeiro passo para se conquistar esse estado “é transformar-se em coisa, ou seja, não ter “mais o condão de refletir sobre as coisas”, mas ter o “condão de sê-las”. (IDEM, 2008, p. 3, grifos do autor).

Existe um encantamento no corpo dos objetos, nas curvas das pedras, nos formatos distintos das árvores. Cada ser, vivo ou não, guarda uma beleza singular. O compartilhamento dessas belezas singulares na poética de Manoel de Barros desponta o não egoísmo, permite o ecumenismo, custeia uma visita ao íntimo de cada ser, de cada matéria. Essa metamorfose poética é a maneira plena de participarmos imaginativa e espiritualmente da vida de outrem.

Pedra sendo  
Eu tenho gosto de jazer no chão.  
Só privo com lagarto e borboletas.  
Certas conchas se abrigam em mim.  
De meus interstícios crescem musgos.  
Passarinhos me usam para afiar seus bicos.  
Às vezes uma garça me ocupa de dia.  
Fico louvoso. (BARROS, 2009, p. 27).

Observando, desconstruindo e metamorfoseando, Manoel de Barros se pôs à disposição da arte de escrever com o corpo: escrever sobre as suas cicatrizes, sobre a sua relação com o mundo, e, com isso, escrever, contudo, sobre as intervenções e experiências corporais que sofrera e fizera durante seus quase noventa e oito anos de existência terrena. E, por esse contexto de arte poética carnal, suas poesias, nascidas da ponta de seu lápis, segue a conquistar novos leitores, diferentes espaços, lugares vazios e, assim, a completar lacunas que o mundo capitalista e torturante não é capaz de preencher. Manoel foi um poeta (re)nascido de Barros, da lama, da massa fetal, do chão, da terra, da chuva e do adubo. Ele foi o proponente de uma literatura que transbordou o rumo da poesia com sabedoria vegetal, animal, mineral e *coisal*. O poeta sul-mato-grossense fez brotar flores das pedras, das latas, dos sapos, dos *mendigos*, dos *bebuns*, dos loucos, dos *trastes* e dos vagabundos.

Contudo, cabe ressaltar que, esse texto, na limitação das palavras que lhe é imposta, não pretendeu resumir a vida do poeta e o que a ela é inerente enquanto arte de escrever poesias, mas sim, pretendeu homenagear Manoel de Barros dedicando-lhe algumas palavras, que, em nossa percepção, se tratando de alguém que amava lidar com a costurade vocábulos, seria um presente plausível. Sendo assim, o ponto final que demarcará o fim deste texto, demarcará, também, a satisfação de termos escrito, mesmo que pouco, sobre a vida e o processo criativo, ou seja, as pistas poéticas de um poeta o qual não se poupou de viver e de se relacionar com as múltiplas faces do mundo e de uma poesia que, no jardim das frases, florescia leituras, sabores, cheiros, imaginação e, no entanto, pelas observações, desconstruções e metamorfoses poéticas compõe o infindável acervo do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2005.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio. *A “desutilidade poética” de Manoel de Barros*. Disponível em: [www.revistapontodoc.com/3\\_cristianesa.pdf](http://www.revistapontodoc.com/3_cristianesa.pdf). Acesso em: 11, set, 2010.

BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. *Matéria de Poesia*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

\_\_\_\_\_. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

\_\_\_\_\_. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEUTENMÜLLER, Alberto e LOCONTE, Wanderley. *Os maias – o povo das estrelas*. São Paulo: Saraiva, 2006.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRITO, Hagamenon. *Palavras que Manoel de Barros me disse*. Disponível em: [www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/hagamenon-brito-palavras-que-manoel-de-barros-me-disse/?cHash=15fd08f5e572f27132976dca975b71ea](http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/hagamenon-brito-palavras-que-manoel-de-barros-me-disse/?cHash=15fd08f5e572f27132976dca975b71ea). Acesso em: 11, jan, 2016.

CARPI NEJAR, Fabrício. *Teologia do Traste: a poesia do excesso de Manoel de Barros*. 2001. 117 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Centro de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CASTELLO, José. *Entrevista com Manoel de Barros*. Disponível em: [www.jornaldepoesia.jor.br/castell1.html](http://www.jornaldepoesia.jor.br/castell1.html). Acesso em 20/06/2011. Acesso em: 04, abr, 2010.

CEZAR, Pedro. *Só dez por cento é mentira*. Direção: Pedro Cezar. Distribuidora: Downtown Filmes. 78 min. Color. Documentário audiovisual, 2008.

DOWBOR, Fátima Freire. *Quem educa marca o corpo do outro*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. 2ª ed. Lisboa: Antropos, 1997.

GOMES, Álvaro Cardoso. Poética e aprendizagem em Manoel de Barros. In: *Signótica*. V. 20, nº 1, p. 1-13. Goiânia, 2008.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: Revista Brasileira de Educação, nº 19, JAN/ABR, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad.: Alfredo Veiga-Neto. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PASCALI, Maria Julia. *"Bernardo": um caminho gestual para a poética de Manuel de Barros*. 1997. 110 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

\_\_\_\_\_. *Hiochan: carta a um artista japonês*. Acesso aos arquivos pessoais da pesquisadora em: 20, out, 2009.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PIZZINI, Joel. *Manual de Barros*. Direção: Joel Pizzini. Produção: Pólofilme. 61 min. Color. Documentário audiovisual, 2006.



## Notas

<sup>1</sup>Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais Interdisciplinar, da Universidade Federal de Goiás – UFG.

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora associada da Universidade Federal de Goiás – UFG. Atua nos cursos de Dança e Teatro.

O primeiro momento desse escrito, em sua maior parte, é biográfico e foi fundamentado, basicamente, em entrevistas fornecidas pelo próprio poeta. O material que contém as informações biográficas que aqui foram desfrutadas encontra-se disponibilizado nas referências desse texto.

<sup>3</sup>No decorrer do texto, todas as palavras em itálico, mesmo sendo usado muito excepcionalmente para ressaltar palavras e expressões, segundo as normas da ABNT, demarcarão termos do respectivo poeta, usados em suas falas ou em suas poesias (com ressalva do termo *In lack 'ech*, logo mais apresentado).

<sup>4</sup>Opta-se aqui pela conjugação no presente, visto que o poeta em questão se perpetua em suas poesias. Tal fato ocorrerá em outros momentos.

<sup>5</sup>Martha fez ilustrações para algumas obras do pai, as quais o mesmo chamou de *iluminuras*.

<sup>6</sup>Sabemos que segundo as normas de citação, pela ABNT, o 'apud' precisa ser evitado e o trecho transcrito direto do original, porém, aqui, se tratando de conversas registradas por terceiros (sendo dois dos registros em audiovisual), o apud foi inevitável.

<sup>7</sup>No ano de 1945 o mundo presenciava as consequências trazidas com o fim da II Guerra Mundial e as que poderiam acontecer com o início da Guerra Fria. No Brasil, este mesmo ano marcava a deposição de Getúlio Vargas e o início de um período democrático e desenvolvimentista. Todos esses grandes acontecimentos que mexeram com as estruturas ideológicas das nações e de seus povos, refletiam um novo tempo, novas perspectivas e novas formas de expressões. Juntamente com isso, a arte prosseguiu em suas rupturas. "Alguns poetas amadurecidos durante a II Guerra Mundial entenderam isolar os cuidados métricos e a dicção nobre da sua própria poesia elevando-os a critério bastante para se contraporem à literatura de 22: assim nasceu a geração de 45" (BOSI, 1994, p. 464). A geração de 45 defendia que a poesia era a arte da palavra escrita como objetivo de restabelecer o formal e vernacular; uma literatura oposta às inovações de 22, menos radical; fase de literatura intimista, introspectiva e de traços psicológicos; reformulação de valores estéticos; universalidade temática aliando ritmo e sentido às palavras poéticas; o esteticismo subjetivo e a poética experimentalista; traço formalizante; pesquisa sobre a linguagem; releitura dos costumes regionalistas.

<sup>8</sup>Para o poeta, é na infância que o ser humano colhe as primeiras sensações e alegrias, os primeiros gostos e cheiros, enfim, os primeiros momentos marcantes da vida.

<sup>9</sup>Deve-se ater ao cuidado para não rotular Manoel de Barros como o poeta da paisagem, ecológico e pelas personagens que cria, como o poeta do folclore.

<sup>10</sup>"Na metáfora, os significantes permutam-se e o significado, permanecendo o mesmo, desloca-se visto que surge um novo sentido" (GIL, 1997, p. 39).

<sup>11</sup>O ecumenismo aqui abordado abrange o mundo em sua totalidade (e não apenas as religiões, como costumeiramente observamos relacionadas ao termo) acolhendo tudo e todos sem distinção e discriminação. Uma correlação entre os múltiplos aspectos da diferença.

<sup>12</sup>O termo em questão pode ser entendido também como erros gramaticais.